



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
DEPARTAMENTO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO: UM RELATO SOCIAL HISTÓRICO DE
GÊNERO NA ESCOLINHA DO DEF**

ADRIANA TELMA DA SILVA

Campina Grande/PB
2014

ADRIANA TELMA DA SILVA

**CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO: UM RELATO SOCIAL HISTÓRICO DE
GÊNERO NA ESCOLINHA DO DEF**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, na forma de Relato de Experiência, apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof^ª.Dr^ª Lígia Pereira dos Santos

Campina Grande/PB
2014.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva, Adriana Telma da
Corporeidade e educação [manuscrito] : um relato social histórico de gênero na Escolinha do DEF / Adriana Telma da Silva. - 2014.
46 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Lígia Pereira dos Santos, Departamento de História".

1. Educação 2. Corporeidade 3. Gênero 4. Prática Pedagógica I. Título.

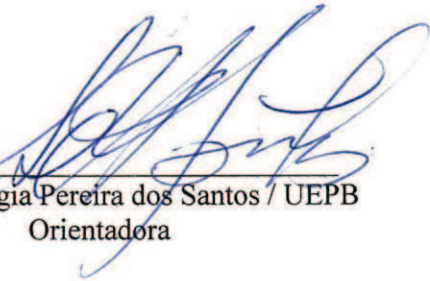
21. ed. CDD 370

ADRIANA TELMA DA SILVA

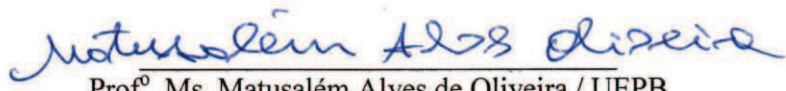
**CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO: UM RELATO SOCIAL HISTÓRICO
DE GÊNERO NA ESCOLINHA DO DEF**

Trabalho de Conclusão de Curso -
TCC, na forma de Relato de
Experiência, apresentado ao Curso de
História da Universidade Estadual da
Paraíba - UEPB, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
Licenciatura Plena em História.

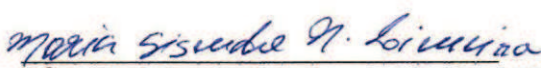
Aprovada em 26/112014



Prof.^a Dr.^a Lígia Pereira dos Santos / UEPB
Orientadora



Prof.^o Ms. Matusalém Alves de Oliveira / UEPB
Examinador



Prof.^a Ms.^a Maria Giseuda Nascimento Limeira / UEPB
Examinador

Agradecimentos

Ao concluir este curso, ressalto a importância de pessoas que direta ou indiretamente contribuíram, para que esta etapa se findasse de forma tão prazerosa.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que derrama sobre mim o seu amor. Ele sempre abrindo caminhos inimagináveis me fazendo acreditar que tudo posso através dos meus esforços com o auxílio de sua proteção, direção e imensa sabedoria divina. Sem esta presença viva e espiritual certamente eu não estaria aqui realizando este sonho.

A minha querida orientadora, Lígia Pereira dos Santos, que se tornou uma grande amiga. Acredito que Deus em sua infinita sabedoria fez com que nossos caminhos se cruzassem possibilitando sua participação em minha vida, onde tivemos momentos de descontração, mas acima de tudo de aprendizado e grande incentivo. Usando sua sabedoria e experiência de vida profissional me alertou de forma brilhante sobre os desafios da vida, bem como contribui para o meu fortalecimento na vida espiritual. Grata por acreditar em mim, por torcer, por incentivar não só na minha vida profissional e intelectual, mas em todos os assuntos.

A todos os professores do curso em especial ao professor Matusalém Alves de Oliveira e a professora Maria Giselda Nascimento Limeira que despertaram em mim o gosto pela aprendizagem, por me levar as dúvidas e ir à busca de respostas. Agradeço pela contribuição de cada um no processo de minha formação acadêmica, grata pelos ensinamentos, pelas reflexões no âmbito da educação e da história.

A todos os meus colegas e amigos da turma 2009.1 do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, que durante o período de graduação dividiram comigo as dificuldades e os prazeres da vida acadêmica. Pelas horas de diálogo, de estudos e de sorrisos, momentos marcantes em minha vida que estarão presentes em minha memória enquanto viver.

A todos de minha família que me fortaleceram e me incentivaram a ir à busca de conhecimentos. Em especial aos meus queridos pais, Terezinha Caboclo da Silva e Aluísio Gomes da Silva e minha irmã Andreia Gomes da Silva, por me iluminarem através da

simplicidade, do amor e do respeito ao próximo, valores tão significativos em minha vida que me torna a cada dia uma pessoa mais humana e sensível para com os outros.

Ao Cícero Romão de Miranda Almeida que adentrou em minha vida, que me fez crescer como mulher, como pessoa, como futura professora. Do seu jeito me fez enxergar um novo horizonte, uma nova possibilidade de vida. A você querido o meu muito obrigado, não tenho palavras para expressar toda a minha gratidão em tê-lo perto de mim participando da minha vida me enchendo de alegria.

Meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

SILVA, Adriana Telma. Corporeidade e Educação: um relato social histórico de gênero na escolinha do DEF. 2014. TCC (Graduação).

Curso de Licenciatura Plena em História. CIA UEPB, Campina Grande – PB, 2014.

O presente trabalho consiste em um relato de experiência realizado junto aos estagiários/as e discentes da Escolinha do DEF - Departamento de Educação Física da UEPB. No período de agosto de dois anos resultante de dois projetos científicos do PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica em que abordamos assuntos relacionados as questões de masculinidade e feminilidade no âmbito educacional do DEF, projetos estes que foram aprovados pelo CNPq – Conselho Nacional Desenvolvimento Científico e tecnológico, órgãos públicos que incentivam o desenvolvimento da pesquisa no Brasil. Nesta experiência indagamos sobre os valores culturais nas relações de gênero e corporeidade. A percepção sobre as relações de gênero foi instância fundamental para articularmos conceitos para uma proposta pedagógica libertadora sob o caminho teórico de ARIÉS (1981); FREIRE, (1996), FOULCAULT (1995), (2004b); LOURO (2010), MARQUES, (2005), MORIN (1987), TEIXEIRA (1999), entre outros. Nosso eixo condutor teórico compreendeu que a corporeidade e as identidades masculinas e femininas se pertencem mutuamente no seio familiar se estendendo ao universo educacional. Uma não pode ser completa sem a outra. Aquela é possibilidade humana de ser e estar-no-mundo, a outra é a realização do ser que se diz sensível, é a experiência corporal vivida frente aos desafios do cotidiano. Enfim, verificamos os modos pelos quais os participantes da Escolinha do DEF tem atribuído significado ao corpo, frente as diversas delimitações do universo masculino versus feminino, com evidentes marcas de sexismo, percebendo assim, como a corporeidade e as práticas pedagógicas de educação física influenciam nos perfis de gênero.

Palavras chave: Corporeidade, Gênero, Educação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1.0-UM OLHAR SÓCIO-HISTÓRICO SOBRE A INFÂNCIA E EDUCAÇÃO.....	11
1.1-Visões da infância e os modelos de educação.....	11
1.2-Educação do corpo na infância sob perspectiva de gênero.....	23
2.0-DESCREVENDO O ESPAÇO E A METODOLOGIA.....	26
2.1-Escolinha do DEF e os participantes da experiência.....	26
3.0-RELATANDO E REFLETINDO OS DADOS COLETADOS.....	30
3.1- Relatando e analisando as entrevistas com estagiários/as do DEF.....	30
3.2-Relatando e analisando os comportamentos dos discentes do DEF.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O termo “Gênero” possui uma significação polissêmica, podendo ser utilizado em diferentes atribuições do conhecimento, permitindo interpretá-lo como conceito e categoria de análise. No campo das Ciências Humanas e Sociais, refere-se à elaboração de padrões culturais das noções de masculinidades e feminilidades, ou seja, aquilo que se diz a partir das diferenças sexuais dos seres humanos.

O conceito e os estudos sobre Gênero surgiu, no século XIX, nos EUA, com os movimentos feministas em que mulheres se organizaram e passaram a desafiar o poder público vigente, extremamente conservador, que excluía as mulheres dos cargos públicos da sociedade. Inicialmente reivindicaram por direito civis, como o voto e o acesso ao ensino superior. Em seguida, lutaram pelo direito de exercer a sua sexualidade e igualdade com os homens no mercado de trabalho.

O conceito de gênero foi criado com o intuito de opor-se a um determinismo biológico, nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social. Esse aspecto relacional definia homens e mulheres em termos de reciprocidade não podendo ser entendidos separadamente.

Neste sentido, a noção de gênero parte do pressuposto de que ser feminino ou ser masculino não são características naturais ou biológicas, mas padrões que são estabelecidos de comportamentos para mulheres e homens, que foram sendo construídos no âmbito da cultura de uma determinada sociedade, ou seja, as categorias diferenciais de sexo não implicam no reconhecimento de uma essência feminina ou masculina, apontando para a ordem cultural como modeladora desses indivíduos, implicando pois no processo de desenvolvimento educacional da corporeidade infantil.

Corporeidade é um termo que está intrinsecamente relacionado à construção da história pessoal de cada indivíduo em conjunto com o meio social o qual está inserido. Neste sentido, como o corpo revela a sua historicidade ao longo do tempo é baseado no desdobramento do lugar e conseqüentemente do seu contexto social e cultural a história do corpo pode apresentar-se de várias formas.

Assim, surgem diversas representações sociais do corpo difundidas e concebidas durante muitos anos. É pelo corpo que o ser humano passa a existir,

estabelecendo relações consigo, com o outro e com o mundo. Porém, essas relações passam por constantes transformações no decorrer dos anos e dos séculos, onde o corpo se revela como fruto desta história-memória, em que cada ser humano detém parte de uma história universal, tornando-se impossível pensar o corpo fora de sua cultura ou inseparável da história da totalidade dessa mesma cultura que envolve diversas práticas de sociabilidades, entre os quais a dança, os esportes, enfim a vida cotidiana dos indivíduos em geral, sendo possível identificar ações excludentes nas relações entre os gêneros em espaços responsáveis pelo processo de formação intelectual e motora do público infantil.

Nesta experiência indagamos sobre os valores culturais nas relações de gênero e corporeidade. A percepção sobre as relações de gênero foi instância fundamental para articularmos conceitos para uma proposta pedagógica libertadora sob o caminho teórico de ARIÉS (1981); FREIRE, (1996), FOULCAULT (1995), (2004b); LOURO (2010), MARQUES, (2005), MORIN (1987), TEIXEIRA (1999), entre outros. Nosso eixo condutor teórico compreendeu que a corporeidade e as identidades masculinas e femininas se pertencem mutuamente no seio familiar se estendendo ao universo educacional. Uma não pode ser completa sem a outra. Aquela é possibilidade humana de ser e estar-no-mundo, a outra é a realização do ser que se diz sensível, é a experiência corporal vivida frente aos desafios do cotidiano. Enfim, verificamos os modos pelos quais os participantes da Escolinha do DEF têm atribuído significado ao corpo, frente às diversas delimitações do universo masculino versus feminino, com evidentes marcas de sexismo, percebendo assim, como a corporeidade e as práticas pedagógicas de educação física influenciam nos perfis de gênero.

No primeiro capítulo, intitulado, Um Olhar Sócio Histórico sobre a Infância e Educação, fizemos uma trajetória de como as sociedades passaram por transformações econômicas, sociais e culturais que acabaram promovendo modelos de educação e visões sobre os cuidados para as crianças extremamente relacionados às questões de gênero e corporeidade.

No segundo Capítulo, Descrevendo o Espaço e a Metodologia, destacamos a localização do espaço da vivência, as modalidades esportivas oferecidas às crianças, a participação dos estagiários/as que ministram aulas na Escolinha do DEF enfim os objetivos e métodos utilizados no processo de desenvolvimento deste relato de experiência.

No terceiro capítulo, intitulado, *Relatando e Refletindo* os dados coletados, registramos e analisamos as entrevistas com os estagiários/as e algumas de minhas observações no momento em que ocorreram as apresentações de dança e esportes na quadra da Escolinha do DEF. Promovemos a discussão e reflexão com embasamento teórico de pensadores e estudiosos que pesquisaram a cerca das relações de gênero e corporeidade em diferentes espaços sociais.

1.0-UM OLHAR SÓCIO HISTÓRICO SOBRE A INFÂNCIA E EDUCAÇÃO

1.1-Visões da infância e os modelos de educação.

Etimologicamente a palavra Infância é originaria do Latim IN (não) FANCIA (Capacidade da Fala), nessa perspectiva, o período infantil tem como característica a ausência da fala e de comportamentos esperados.

A infância se contrapõe a vida adulta, na medida em que se acredita que os comportamentos considerados racionais só podem ser executados por um adulto, pois, este pensa, raciocina e interage com o meio social em que vive, transformando-o, conforme suas necessidades econômicas, políticas e socioculturais. Teoricamente tais funções não podem ser realizadas por uma criança por suas insuficiências físicas e cognitivas ainda em desenvolvimento.

Neste sentido, grandes transformações históricas contribuíram para que o processo educativo passasse por reformulações no cotidiano das pessoas, na forma de ver, viver e se relacionar com as crianças, bem diversas do que temos nas sociedades contemporâneas, pois, a concepção de criança é uma noção que foi sendo construída ao longo dos tempos, ocasionando grandes divergências na educação quanto a sua finalidade social.

O surgimento da escrita assinala o início da História e determina o fim do período do homem pré-histórico aproximadamente em 3500 a.C. Mesmo sem o conhecimento da escrita as comunidades primitivas entendiam que havia a necessidade de repassar suas práticas e conhecimentos às crianças. Foi neste período que a educação passou a ser entendida como transmissão de conhecimentos e experiências de uma geração para a outra. Nas comunidades de caçadores e coletores, Morin (1987) esclarece que, no desenvolvimento de suas armas, técnicas de caça, curas com plantas, dentre

outros conhecimentos, as comunidades articulavam esses atos e técnicas a saberes simbólico\mitológico\mágicos, com seus mitos, ritos, crenças e magias, juntando os conhecimentos de forma complementar sem os confundir.

Desse modo, a educação estava atrelada a transmissão de vivências e experiências necessárias à sobrevivência do indivíduo e da comunidade, com o uso de suas habilidades de caça, pesca, fuga do perigo e proteção dos grandes animais. E ao mesmo tempo praticavam e aprendiam os usos e costumes, o canto, a dança, os rituais de adoração. Tendo o uso da linguagem oral, principal instrumento educativo, de comunicação e transmissão da cultura.

Durante o período primitivo as comunidades vivenciavam sua sexualidade livremente, por esse motivo os pais não exerciam a paternidade, somente a mãe assumia a responsabilidade pelos cuidados com a criança (ENGELS, 1884). As crianças aprendiam observando e imitando os adultos, pois não existiam espaços destinados à educação. Assim todos os espaços, a caça, a pesca, a colheita, as relações coexistiam para a formação dos povos primitivos.

Na Antiguidade, na cidade-estado grega, a *Logrocracia*, ou seja, *a educação ateniense* tinha por orientação o modelo cavalheiresco da nobreza. Mesmo tendo como forma de governo a democracia, os atenienses buscavam alcançar a *Kalokagathia*, a ambição de reunir em um só corpo a beleza física e moral.

Está presente neste ideal de nobreza cavalheiresca a busca de uma excelência humana sendo atingida pela *aretê*(virtude) e pelo prestígio de honra adquiridos na polis.

Neste sentido, Teixeira relata que:

A palavra *aretê*, tema essencial na história da formação grega, é a expressão do mais alto ideal cavalheiresco unido a uma conduta cortês e distinta. Encontra-se nela um atributo próprio da nobreza. Está associada a ideia de força, uma capacidade física e guerreira. A figura do herói, tão presente na educação grega, capaz de dar a vida para defender a cidade, é a representação máxima da *Arete*. (TEIXEIRA, 1999, p.14).

No decorrer da transformação da cidade oligárquica, com valores militares para a cidade democrática, inspirada nos valores da palavra, a transmissão dos

conhecimentos e habilidades com o uso da pederastia¹, ou seja, em que o amante mais velho acompanhava a formação do jovem escudeiro, verifica-se que esta prática de ensino foi sendo substituída pela escola, em que o mestre aplicava lições de gramática e primeiros cálculos.

Desse modo, o antigo treinamento dos guerreiros, a *Hoplomachia*, o combate simulado armado, cedeu lugar aos exercícios de ginástica e a participação nos corais musicais. O ideal homérico do culto aos heróis transferiu-se para o plano dos desportos. A espada gradativamente foi substituída pela palavra.

A nova atmosfera que se anuncia traz consigo consideráveis inovações na área da cultura. Se antes, em todas as regiões da Grécia, sob a influência de Esparta de caráter cívico-militar, preocupada em formar o indivíduo devoto à comunidade, agora, graças à hegemonia de Atenas, a educação deixa de ser militar e assume uma conotação civil, que tem por objetivo principal a formação do nobre aristocrata, através do exercício físico e da música. (TEIXEIRA, 1999, p.16)

O advento da democracia acarreta transformações na sociedade ateniense em que os nobres aristocratas como também os cidadãos conquistam gradativamente o privilégio de participarem da vida política e cultural de Atenas. A educação restrita a um pequeno grupo se estende ao *dêmos*, colocada ao alcance de toda criança grega, com a prática do atletismo oferecido a toda sociedade.

A prática do atletismo torna-se uma prática popular. Nas diversas modalidades de esportes existentes, estava presente uma educação baseada no antigo ideal homérico do valor da *aretê*, com uma conotação fortemente moral, que se resume em formar o homem belo e bom, não mais representado pela figura do guerreiro herói, mas na do atleta civil que se torna herói quando vence as competições. (TEIXEIRA, 1999, p.17)

O interesse de um grande número de crianças pela educação exigiu uma institucionalização da educação, assim, surge a escola. (MARROU, 1975 p. 75).

¹ Oriunda do Grego “*Paidierastia*”, que é a junção de outras duas expressões gregas – *país* (“criança”) e *erân* (“amar”) - o termo pederastia, de acordo com as pesquisas historiográficas atuais, denotava na Atenas do período clássico o sentido educativo, sendo a combinação do processo preparatório do futuro cidadão ateniense, com o amor metafísico só conhecido entre os homens. [...] os povos gregos não encaravam todos de maneira uniforme a pederastia, e que foi em Atenas que ela assumiu com maior esmero um papel ativo na formação social de seus cidadãos. (Sousa, 2008, p.18).

Desse modo, por volta dos sete anos de idade, o menino ateniense era orientado por um pedagogo. Na escola, os jovens estudavam música, artes plásticas, filosofia, dança etc. As atividades físicas faziam parte da vida escolar, já que consideravam importante a manutenção da saúde corporal.

As meninas atenienses não frequentavam as escolas, sendo excluídas, ficavam sob os cuidados maternos até seu casamento. As famílias se definiam hegemonicamente como patriarcal, com a mulher submissa socialmente, apta aos afazeres domésticos, enquanto que os homens são representados no ócio (CAMBI, 1999).

Fica evidente que a educação em Atenas foi de segregação, pois tinha como função a formação intelectual dos jovens do sexo masculino. As jovens só tinham como opção de conhecimento o de como executar as tarefas domésticas e o de como tomar conta da prole. As meninas não eram educadas na escola, mesmo diante dessa situação de exclusão, muitas delas aprendiam a ler e a escrever nos jardins de suas residências. Os livros eram caros, assim os textos eram lidos em voz alta para que os discentes decorassem e desenvolvessem seus conhecimentos intelectuais.

Em Atenas vemos, pois, uma educação cujo objetivo principal foi a formação de cidadãos conhecedores das artes e preparados tanto para tempos de paz como para os tempos de guerra.

Em Esparta, o principal objetivo da educação foi voltado para a formação de um exercito bem treinado e disciplinado. O povo espartano acreditava em uma vida de disciplina e simplicidade, era contra o individualismo e a favor da lealdade ao Estado. Todo espartano do sexo masculino ou feminino, deveria ter um corpo saudável e perfeito.

Desse modo, Gambi (1999) expressa as diferenças entre as duas cidades que marcaram a história da Grécia com seus modos de fazer política e educar suas crianças:

Esparta foi o modelo de Estado totalitário; Atenas, de democrático, e de uma democracia muito avançada. Até seus ideais e modelos educativos se caracterizam de maneira oposta pela perspectiva militar de formação de cidadãos – guerreiros, homogêneos à ideologia de uma sociedade fechada e compacta, ou por um tipo de formação cultural e aberta que valoriza o individuo e suas capacidades de construção do próprio mundo interior e social. Esparta e Atenas deram vida a dois ideais de educação: um baseado no

conformismo e no estatismo, outro na concepção de *Paidéia*, de formação livre e nutrida de experiências diversas, sociais, mas também culturais e antropológicas (CAMBI, 1999, p.82).

A *Agogé*, ou seja, a educação espartana foi direcionada ao adestramento, ao treinamento, o recurso à domesticação dos jovens com o objetivo central de formar guerreiros para defender a coletividade. Um serviço obrigatório estendido ao público infantil, adolescente e jovem.

A criança até os sete anos de idade era mantida com a mãe e a partir dos oito anos era enviada para participar de uma espécie de bando criado ao ar livre, entregue ao “deus dará”. Muitas crianças terminavam por perderem a vida pela escassez de alimentos. O objetivo dessa prática era fazer com que o menino desenvolvesse a astúcia de promover mecanismos necessários a sua sobrevivência. As crianças viviam, treinavam e dormiam no quartel da sua irmandade² e nas instituições escolares aprendiam as técnicas de sobrevivência que lhes garantiriam o título de grandes soldados com a prática de aula de treinamento corporal difícil e dolorosa.

Apesar das crianças aprenderem a ler e escrever, esses conhecimentos não eram os mais importantes nas escolas espartanas. Importantes eram os assuntos e conteúdos relacionados à guerra. Os meninos eram mal alimentados e aprendiam que roubar fazia-se necessário desde que não fossem pegos no ato. Se fossem pegos eram castigados. Eles também marchavam sem sapatos com o intuito de deixarem os pés mais fortes.

Os espartanos dos 18 aos 20 anos de idade passavam por testes de resistência física, habilidades militares e liderança. Sendo reprovado tornavam-se *Perioikos*, ou seja, pessoas que pertenciam à classe média, estes eram proprietários de terras e comerciantes, que não podiam fazer parte do poder político, pois não eram considerados cidadãos. Quando aprovados os jovens garantiam sua cidadania como soldado a serviço do Estado. Como cidadãos não podiam mexer com dinheiro, pois, esta era tarefa da classe média. Soldados espartanos passavam a maior parte da vida com seus companheiros de batalha. Eles comiam, dormiam e continuavam a treinar nos quartéis

²Irmandade de acordo com o site significados.com.br, significa relação de parentesco entre irmãos. Fortemente relacionada ao conceito de fraternidade, a comunhão e boa relação entre pessoas que desenvolvem sentimentos afetuosos entre si, como se fossem irmãos de uma mesma família. O conceito ainda pode ser entendido como associação, grupo ou confraria que se baseia em doutrinas religiosas. Porém o conceito pode representar apenas um grupo de pessoas que se reúnem em pró de um mesmo objetivo, com determinado nível de confiança entre membros.

de sua irmandade e mesmo sendo casados não viviam com seus familiares. O serviço militar não terminava até que o indivíduo completasse 60 anos de idade, a partir de então, ele podia se aposentar e viver em família.

Quando um bebê espartano nascia, soldados verificavam se a criança parecia ser forte e saudável. Se não fosse, era levado para se tornar escravo ou era largada em uma colina onde morreria. Sendo saudável passava a fazer parte da irmandade geralmente à mesma que pertencia seu pai e sua mãe.

Qualquer indício de fraqueza, no processo de formação guerreira das crianças espartanas em soldados, era visto como covardia e para corrigir seus defeitos e possíveis hesitações, os educadores dos quartéis recorriam a *Mastigáphoroi*, o “portador do látigo”, encarregado dos chibatamentos, suplícios que eram estendidos inclusive às mulheres, consideradas as mais livres e as mais fortes, da Grécia Antiga, pois, na maioria das cidades – estados gregas as mulheres passavam a maior parte do tempo em casa. Porém, as mulheres espartanas tinham liberdade de ir e vir, tendo acesso a se locomover por diversos lugares, já que seus companheiros não viviam em casa, pois eles eram obrigados a ficar a maior parte do tempo nos quartéis. De toda a Grécia, as espartanas eram as únicas a se dedicarem aos exercícios físicos extremamente rigorosos. Eram musculosas, talvez por isso, elas eram consideradas as mais fortes da região.

As meninas de Esparta tinham direito a escolaridade a partir dos 6 ou 7 anos de idade também viviam, dormiam e treinavam nos quartéis de sua irmandade. Não se tem indícios de que na escola que elas frequentavam tinha o mesmo cunho de crueldade nas práticas físicas presentes nas escolas masculinas. Sabe-se que elas aprendiam ginásticas, luta e técnicas de combate. Porém alguns historiadores acreditam que ambas as instituições escolares eram muito parecidas. Seja como for o espartano acreditava que uma mulher forte geraria bebês fortes e saudáveis.

Ao completar 18 anos de idade se a espartana passasse nos testes físicos, a ela era designado um marido, podendo voltar para sua residência. Se não fosse classificada, perdia seus direitos de cidadã e como os homens se tornaria membro da classe média.

Portanto, existiam na Grécia antiga princípios educacionais diferenciados. Em Atenas havia uma preparação da pessoa para a cidadania e exercício público, ou seja, a formação do homem livre, através da alfabetização, educação física e musical, voltados

para a moral e estética do ser humano. Enquanto que em Esparta, os meninos foram considerados como propriedade do Estado, e assim eles deveriam se desenvolver fisicamente para a defesa da sua pólis. A educação voltada para a formação do modelo ideal de soldado, bem treinado, corajoso e obediente às leis do Estado. Em Atenas as mulheres sofreram com exclusão da vida escolar e eram mais dominadas pelos seus companheiros.

Na Idade Média, a igreja foi a principal responsável pela instrução e organização política, social e cultural da sociedade, ou seja, os homens seguiam seus ensinamentos sem questionamentos. Desse modo, a igreja, ditava as regras educacionais de cultura e comportamentos a serem seguidas.

As crianças vistas como adultos em miniatura eram tratadas sem discriminação e sem pudor. O desenvolvimento da criança ocorria através das relações estabelecidas com os mais velhos, ou seja, como nas sociedades primitivas as atitudes, comportamentos e ações dos adultos eram refletidos nas atitudes dos meninos e meninas.

Neste sentido Kohan, 2005, declara que:

Uma série de práticas sociais como jogos, ocupações, profissões e armas estava determinada para idade alguma. As crianças eram vestidas como homens e mulheres tão logo pudessem ser deixadas as faixas de tecido, que eram enroladas em torno de seu corpo quando eram pequenas. (KOHAN, 2005, p.65)

A infância se estendia até os sete anos de idade, a partir de então, considerava-se que ela tinha capacidade de compreender e interagir a respeito do que os adultos falam e fazem. Em suma, a partir dos sete anos de idade a criança se tornava um reprodutor útil e necessário à economia familiar. Através da observação do cotidiano familiar a criança, imitando o adulto, contribuía na execução de tarefas necessárias a sobrevivência da comunidade. Era comum a prática do infanticídio e as crianças eram abandonadas sem qualquer sentimento de culpa.

O período medieval é caracterizado por um alto índice de analfabetismo, pois a maioria da população não tinha acesso ao conhecimento das letras. Os conhecimentos, considerados importantes eram os ligados às ideias tradicionais e a fé católica,

transmitidos oralmente, onde as ordens religiosas eram que comandavam todo esse processo de divulgação cultural.

A educação estava direcionada pela ligação entre as famílias, com a reprodução de saberes, privilégios, e ofícios hereditários o que dificultava a mobilidade social. Não existia aqui a noção moderna de infância, assim, as crianças viviam, nos mesmos ambientes que os adultos. Desse modo, viviam mais tempo com outras famílias impedindo uma aproximação maior de afetividade com sua família de origem.

Nesta direção Kohan (2005), demonstra que:

As crianças, tal como as compreendemos atualmente eram mantidas, pouco tempo no âmbito familiar. Tão logo o pequeno pudesse abastecer-se fisicamente, habitava o mesmo mundo que os adultos, confundindo-se com eles. Nesse mundo adulto, aqueles que hoje chamamos de crianças eram educadas sem que existissem instituições especiais para eles. Tampouco existia, nessa época, a adolescência ou a juventude: os pequenos passavam diretamente de bebês a homens (ou mulheres) jovens. Não havia naqueles tempos nenhuma idéia ou percepção particular ou específica de natureza da infância diferente da adulez. (KOHAN, 2005, p.64).

A partir do século XI, as sociedades ocidentais passam por uma série de transformações, fazendo surgir novas estruturas políticas, econômicas e sociais, tais inovações fizeram com que a sociedade lançasse um novo paradigma de educação e cultura no medievo.

Cambi, relata sua visão á cerca das transformações na Baixa Idade Média:

Opera-se uma primeira revolução social – o nascimento da burguesia, que implica em uma revolução cultural, e outra econômica como efeito e causa (...). Essa nova classe social ganha impulso, alarga seu raio de intervenção, dinamiza toda vida social, pressionando os organismos políticos e religiosos e produzindo uma transformação da mentalidade (CAMBI, 1999, p. 151).

A partir de então, há o surgimento de vários conhecimentos ainda não explorados, em que a educação ganha novos espaços com o surgimento de instituições mantidas pela igreja, assumindo a educação da população laica, tais como Universidades, escolas catedrais e monastérios entre outras. Dentre o monastério das ordens religiosas, um dos mais importantes foi a, Ordem beneditina, cuidando da cultura e educação.

Porem, paulatinamente, pelo processo de mudança de pensamento e de valores na sociedade medieval, a igreja perde seu poder ideológico político e cultural, não sendo mais a detentora de transmissão do saber. Neste momento, verifica-se que o homem possui uma nova relação de saber dando origem à valorização do pensamento racional oposto ao pensamento anterior baseado unicamente pela fé.

Cambi (1999) demonstra que, a Idade Média passa por um nítido período de transição, abrindo espaço para uma mobilidade social, com o reflorescimento das cidades a partir dos burgos, com o novo modelo artístico distante da igreja católica, mais próximo da sociedade. Tudo isso ocasionou mudanças na educação como a necessidade da especialização para o trabalho nas corporações de ofício, a educação, a arte e literatura voltada para o povo, ou seja, todo um aparato que promoveu a reabilitação das escolas com professores laicos em confronto com o ensino religioso.

No século XVII setores públicos da Igreja católica passam a se preocupar e a programar medidas para combater o infanticídio. O aprendizado ainda continuava voltado aos paradigmas comportamentais expressos pelos adultos, devido às relações de dependência de ambos.

É a partir do século XVII que surge o sentimento de infância e as crianças passam a ser vistas como um ser social, assumindo um papel central nas relações familiares e na sociedade, tornando-se um ser de respeito com características e necessidades próprias. Durante o processo de aquisição do conhecimento ela deve ser vista como ser pleno, cabendo à ação pedagógica reconhecer suas diferenças e construir sua identidade pessoal. Verificasse que a formação do homem segue novos itinerários, orientam-se segundo novos valores, estabelecem novos modelos. (CAMBI, 1999, p.198) produzindo uma importante alteração no processo educativo pedagógico.

A escola se desenvolve e se destaca como instituição produtora e formadora de conhecimentos que prepara o homem-cidadão para os novos tempos, o principal espaço de educação da criança.

A substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento da infância, outrora separados. A família concentrou-se na criança. (ARIÉS, 1981, p.159).

A educação infantil aqui é construída sob o paradigma da família nuclear moralista e conservadora. Constituindo-se como símbolo da comunidade de parental e patriarcal marcando fortemente todos os aspectos da vida econômica, política, social e cultural, a relação de pais e filhos, impondo regras e normas comportamentais a fim de moldar e formar uma criança doutrinada de acordo com os padrões de moralidade da sociedade moderna e racional.

Percebe-se, pois, uma mudança das relações familiares em que a criança passa a ser vista como não mais um “pequeno adulto” garantindo dentro da família um espaço privilegiado. Um ser inocente que precisa de cuidados, e dessa forma, a escola surge como espaço de formação complementar específico para esse indivíduo frágil que precisa aprender a se relacionar com o mundo (CAMBI, 1999).

A criança possuindo um papel central na sociedade fez com que os laços familiares e de afetividades fossem fortalecidos, pois, ela consiste em um indivíduo social, em que a família e o Estado devem zelar pela sua saúde, bem estar e educação. Portanto, vemos que, a partir do mundo moderno, a criança passou a ser vista como ser que precisa de cuidados especiais, de carinho, de educação, pois, passa a representar um bem familiar pelo sentimento do amor materno e paterno.

Nesta mesma direção Kohan afirma que:

(...) a partir de um longo período, e, de um modo definitivo, a partir do século XVII, se produz uma mudança considerável: começa a se desenvolver um sentimento novo em relação à “infância”. A criança passa a ser o centro das atenções dentro da instituição familiar. A família gradualmente vai organizando-se em torno das crianças, dando-lhes uma importância desconhecida até então: já não se pode perdê-las ou substituí-las sem grande dor, já não se pode tê-las em seguida, precisa-se limitar seu número para poder atendê-las melhor. (KOHAN, 2005, p.66).

É na modernidade que se surge o sentimento de infância, com a intervenção da escola, que passa a exigir maiores cuidados com as crianças, vistas como desprotegidas deveriam ser educadas para a vida em sociedade, ou seja, um adulto capaz de se adequar as novas exigências em gestação.

Portanto, o aparecimento da concepção de infância surge através de um longo tempo, onde a criança ganha um espaço de destaque, um novo ambiente, um novo

mundo capaz de protegê-la e poupá-las dos perigos da sociedade. A escola prepara a criança, o adolescente, o jovem para o mercado de trabalho transformando-os em um cidadão produtor e reproduzidor de conhecimentos necessários à economia e a política do país.

Atualmente, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA considera criança a pessoa até doze anos de idade incompletos e adolescentes aqueles entre os doze e dezoito anos de idade. O Estatuto, ainda estabelece que a família, a sociedade e o poder público têm o dever de assegurar os direitos referentes, a vida, a saúde, alimentação, educação, cultura, esporte e lazer, bem como, a dignidade, respeito e liberdade de meninos e meninas. Criado no século XX, o ECA representou uma grande conquista para a defesa das crianças, não só das crianças, mas dos adolescentes. Garantida pelas lutas sociais é possível hoje ter-se a esperança de assegurar a dignidade infantil, através dos direitos e deveres, estabelecido pelo ECA.

Outra lei muito importante quanto a exigência, sob forma da lei em relação à educação é a Lei de Diretrizes e bases da Educação – LDBEN Seção II, do capítulo II.

Art. 29 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade.

Art. 30 A educação infantil será oferecida em: I creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré-escolas para crianças de quatro anos a seis anos de idade.

Art. 31 Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, do mesmo para acesso ao ensino fundamental (BRASIL, LDB, 1996).

Desse modo entendemos que a educação consiste em um processo contínuo na vida e garante a possibilidade da criança a ter uma infância e que a escola é um lugar único, um espaço privilegiado de aprendizado, de formação de valores e opiniões no âmbito social. Um lugar de produção e reprodução de cultura, de desafios e de formações intelectuais, de subjetividades, de identidades.

Como vimos, o desenvolvimento da criança e seu processo de aprendizagem estão ligados ao meio social em que vive e ao acesso de materiais culturais. E é na escola, na família, junto à comunidade que ela vivenciará trocas de experiências e aprendizagens ricas em afetividades e descobertas, para a promoção da formação de sua subjetividade e conseqüentemente formação de sua identidade.

Dessa forma, o educador, precisa estar atento e refletir sobre as verdades que circulam em nosso ambiente social sempre os questionando e problematizando como vemos na proposta de Freire, (1996) que esclarece que:

A tarefa do educador coerente que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de interagir, desafiar o educando com quem comunica, a quem comunica, produzir sua compreensão do quem vem sendo comunicado. Não há intelegibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que se funde na dialogicidade (FREIRE, 1996, p.38).

Nesta direção, é através da comunicação e dos debates, que questionamos as verdades com seus significados e percebemos que tudo que pensamos e vivenciamos foi construído historicamente. Segundo esse mesmo caminho Louro (2010) esboça que o pedagogo deve dar importância a linguagem e as teorias com as quais trabalha, pois ela possui um papel relevante em nossa sociedade reforçando pensamentos, práticas e ideologias no que tange sobre as práticas comportamentais do universo masculino e feminino, na medida que a linguagem institui, veicula, produz e fixa diferenças. Assim:

A linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, pelas diferenças adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pelas escolhas dos verbos, pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos e comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação à raças, etnias, classes e sexualidades, etc.). (LOURO, 2010, p.67).

Diante de tal realidade social é que vimos a necessidade de fazer uma reflexão a cerca das diferenças do universo do corpo infantil, buscando a compreensão de como os discentes e os estagiários/as da Escolinha do DEF compreendem as relações existentes no cotidiano educacional em que vivem.

Nesta direção, buscamos promover iniciativas que promovam condições de uma melhor qualidade de vida para as crianças no âmbito das sociabilidades da Escolinha do DEF, com o objetivo de promover medidas que valorizem a autoestima, a autocrítica, a conscientização, ou seja, a possibilidade de desenvolver atividades que proporcionem o desenvolvimento do conhecimento e informações necessários para a promoção da

cidadania dos indivíduos que vem sendo marginalizados no campo econômico, social e cultural, da nossa sociedade pelos paradigmas impostos pela dominação masculina gerando uma forte discriminação entre os gêneros.

Portanto, nesta experiência procuramos desvendar e refletir sobre as diferenciações das práticas dos comportamentos dominadores da corporeidade bem como os danos causados em ambos os gêneros que frequentam a Escolinha do DEF.

1.2-Educação do corpo na infância sob perspectiva de gênero.

Entende-se que corporeidade significa a qualidade ou capacidade de ser corpóreo, ou seja, a capacidade mental de se utilizar do corpo. Em uma sociedade ocorre a inserção do corpo humano num mundo significativo em que ocorre uma relação consigo mesmo e com outros corpos expressivos, objetos e discursos que fazem parte de sua vida contínua.

Para que possamos refletir como o corpo na infância tem sido tratado e moldado na sociedade contemporânea, é necessário fazermos um esboço teórico de como ocorreu o processo de educação do corpo analisando e interrogando pela mediação de gênero. Nesta direção, Scott (1995, p.86) ressalta que: “Gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

As regras e padrões estabelecidos pela cultura da sociedade determinam meios e ações de como fazer com que os indivíduos se tornem educados, como devem se comportar, andar, gesticular, se vestir e os lugares que devem estar principalmente movidos pela visão que se tem quanto aos comportamentos considerados femininos e masculinos. Dessa forma, as imagens vão sendo construídas estabelecendo mundos distintos entre os gêneros, classe ou etnia. Assim, introjetamos atitudes, concepções e comportamentos sem fazer o exercício da autocrítica, ou seja, as diferenciações são vistas como natural como fazendo parte de uma essência do ser masculino ou do ser feminino atravessando o tempo e o espaço consolidando-se historicamente.

Neste sentido Sampaio (2002) ressalta que:

Além de considerar gênero como categoria de análise, é importante considerá-lo uma categoria histórica. Pois não há sociedade que não elabore imagens vinculadas ao masculino e ao feminino, e essas construções são datadas e contextualizadas. As ações humanas não são apenas fruto de decisões racionais, mas se estruturam a partir do imaginário social com seus simbolismos que subsistem nas culturas (SAMPAIO, 2002, p.93)

Partindo desse pensamento o desenvolvimento de educação do corpo modifica-se de acordo com a época em que se vive, pois cada cultura determina sua forma de ver e estar no mundo enquanto corpo. Neste sentido, [...] Todas as marcas, as formas, as eficácias e os funcionamentos do corpo transformam-se, mudam com o tempo, subvertem-se, substituem-se e representações deslocam-se (SOARES, 2003, p.6).

Fica evidente que, a corporeidade constitui-se em um processo de construção social e histórica do corpo infantil, em relações recíprocas de determinação com a identidade definida como metamorfose, ou seja, como corpo cada ser humano constrói uma história pessoal, inserida na história familiar e cultural, extremamente influenciados pelo processo de educação que se moldam de acordo com as necessidades vigentes de cada sociedade, modificando ou reforçando práticas, ações e discursos no processo das relações dos seres humanos consigo e com os outros. De acordo com os interesses e necessidades de determinada época é que cada sociedade educa os indivíduos, homens, mulheres e crianças, ou seja, a educação da criança está diretamente relacionada as exigências econômicas, políticas, culturais e sexuais de determinado momento histórico.

A educação corporal, de meninos e meninas, ocorre como um processo lento, disfarçado de diferentes formas, tendo como objetivo o controle do corpo da criança conforme os interesses pessoais e coletivos da época.

Diversos estudos demonstram como o processo de educação do corpo influencia o ambiente social e escolar. Tomamos como exemplo, Foucault, que demonstra que, a educação do corpo não ocorre de forma imediata, como também denuncia, em suas obras, as práticas desenvolvidas para o controle do corpo no século XVIII nas diversas instituições sociais, como hospitais, quartéis, fábricas e escolas.

Nesta perspectiva, Foucault, 2004b, esboça que:

Seja, por exemplo, uma instituição escolar: sua organização espacial, o regulamento meticuloso que rege sua vida interior, as diferentes atividades aí organizadas, os diversos personagens que aí vivem e se encontram, cada um com uma função, um lugar, um rosto, bem definido – tudo isto se constitui um „um bloco,, de capacidade – comunicação – poder. A atividade que assegura o aprendizado e a aquisição de aptidões ou tipos de comportamentos aí se desenvolve através de todo um conjunto de comunicações reguladas (lições, questões e respostas, ordens, exortações, signos codificados de obediência, marcas diferenciadas do „valor,, de cada um e dos níveis de saber) e através de toda uma série de procedimentos de poder (enclausuramento, vigilância, recompensa, hierarquia piramidal). (FOULCAULT, 2004b, p. 241).

Fica evidente que, existe um poder disciplinar exercido pela sociedade juntamente com suas instituições, principalmente na esfera da educação da escola, foco de nossa reflexão, pois é na escola que se impulsiona todo um aparato que submete o corpo tornando-o obediente, dócil, educado. Essas são as principais tarefas realizadas nas práticas pedagógicas. Os docentes buscam o controle do corpo de meninos e meninas usando técnicas para adequar as crianças aos padrões pré-estabelecidos, reforçando o controle, a passividade e a conformação de estereótipos relacionados a gênero, raça, sexualidade e condição social.

Nesta perspectiva, Louro, 2010, revela o quanto a vida social dos seres humanos e marcada pela escola, na medida em que é uma das principais responsáveis no processo de formação das subjetividades e identidades infantis:

Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e *incorporado* por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar, se aprende a ouvir, a falar, a calar se aprende a *proferir*. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons,” e decentes e rejeite os indecentes; fazendo com que tenham *habilidades* e não outras...(LOURO, 2010, p.61; grifos da autora).

Assim, vemos que a escola marca a vida social das pessoas, deste sua infância, pois, ela atua deste muito cedo no processo de formação e educação dos indivíduos. Essa instituição assume um papel de destaque na vida do ser humano que passa maior parte do seu tempo na escola se preparando para escolher uma profissão e contribuir com o mercado de trabalho. No processo de formação do indivíduo a escola funciona como promotora ditando como meninos e meninas devem se sentar, o que devem falar, como devem se vestir, se posicionar, ou seja, através de mecanismos e estratégias de

vigilância, são estabelecidos padrões de controle e modelagem dos corpos dos indivíduos com a atuação das práticas pedagógicas. (MEYER; SOARES, 2004, p.7-8).

Percebe-se que, a construção das identidades infantis são influenciadas por relações de poder, que envolvem todos os aspectos da vida dos seres humanos, frente às relações de gênero que diferencia, cria estereótipos, discrimina, causando grandes preconceitos nas relações de sociabilidade entre meninos, meninas, homens e mulheres.

Nesta direção Foucault, 1995, ressalta que:

Uma reação de violência age sobre o corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói, ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro polo senão aquele da passividade e se encontram uma resistência, a única é tentá-la reduzi-la. Uma reação de poder, ao contrário se articula sobre os elementos que são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que o outro (aquele pelo qual se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como sujeito da ação e que se abra diante da relação de poder, todo um campo de respostas, efeitos e intervenções possíveis. (FOUCAULT, 1995, p.243).

Como proposto neste relato de experiência, se faz necessário o contato com diferentes espaços e materiais que se constituam em uma abertura para conhecimento de mundo de uma forma total, que transformem as aulas de Educação Física em aulas mais dinâmicas e reflexivas a cerca da corporeidade. Para que os docentes não formem seus próprios significados de movimentos em sua atuação pedagógica a conduzir a passividade e a submissão. Desencorajando a criatividade e a não transformação de estereótipos impostos pela cultura vigente relacionados à feminilidade e masculinidade dos gêneros.

Diante do contexto histórico é que vimos a necessidade de analisar como o corpo vem sendo tratado nas práticas pedagógicas junto aos estagiários/as e discentes da Escolinha do DEF visando à compreensão de como os sujeitos presentes neste espaço educacional encaram os papéis de gênero estabelecidos socialmente.

Enfatizamos que a abordagem deste trabalho é de fundamental importância para compreensão da corporeidade enquanto instância de critério sobre o corpo masculino e feminino objetivando que discentes e estagiários/as obtenham a consciência de si mesmos como sujeitos atuantes na sociedade.

2.0 –DESCREVENDO O ESPAÇO E A METODOLOGIA

2.1 –Escolinha do DEF e os participantes da experiência

A experiência vivida ocorreu no município de Campina Grande- PB, foi desenvolvida na Escolinha do DEF - Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Espaço onde são oferecidos serviços de atividades recreativas e educativas para crianças, adolescentes e adultos moradores das comunidades circunvizinhas, a exemplo, dos bairros do Araxá, Jeremias, Bento Figueiredo, Vila dos Teimosos, entre outros.

O Departamento de Educação Física da UEPB está atuando no ramo da educação a cerca de dez anos e enquanto projeto de extensão, curricular, direcionada aos alunos do curso de Educação Física perceberam em razão da demanda que este projeto seria mais eficaz se fosse realizado não somente com os estagiários/as e profissionais da área de educação física, mais voltado a um trabalho multidisciplinar, ampliando assim o que era antes um Projeto se tornou um Programa integrado da Universidade com apoio do Governo Estadual, assim como em parcerias com o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), abrangendo para diferentes áreas de intervenções, como Enfermagem, Odontologia, Assistência Social e Psicologia.

As atividades oferecidas aos respectivos participantes são: academia, natação, futebol de campo, futsal, dança e artes marciais (esta última encontra-se desativada devido à falta de professor para ministrar as aulas). As atividades são administradas todas as terças e quintas-feiras pela manhã das 7h30 às 9h30 e pela tarde das 13h30 às 15h30.

O referido Programa se designa como sendo um serviço gratuito e eficaz no que tange a promoção de saúde, bem estar e práticas educativas e de atividades físicas.

Como enfoque metodológico, utilizamos os pressupostos da pesquisa qualitativa.

As entrevistas semiestruturados junto aos estagiários/as e a observação livre dos discentes matriculados nas diferentes modalidades esportivas que ocorrem na quadra de esportes, parque aquático, academia, dança, sala de judô e Karatê. Buscamos a coleta de dados relacionados ao âmbito das relações gênero e corporeidade na infância na esfera educacional e familiar. A observação nos possibilita conhecer os comportamentos espontâneos dos sujeitos envolvidos nas atividades realizadas do espaço educacional, permitindo a reflexão e compreensão que propomos em nosso trabalho.

A entrevista semiestruturada consiste em um instrumento de coleta importante, pois, “parte de certos questionamentos básicos, apoiando-se em teorias e hipóteses” (TRIVIÑOS, 1987, p.146). O entrevistado se posiciona de forma livre e espontânea, favorecendo e enriquecendo a investigação.

Desse modo trabalhamos com a análise das entrevistas e com a observação com os referentes sujeitos com a finalidade de atingir os objetivos propostos.

O período no qual aconteceram as observações e aplicação das entrevistas juntamente com as reflexões e análise das experiências foram de dois anos, resultante de dois projetos científicos do PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica em que abordamos assuntos relacionados as questões de masculinidade e feminilidade no âmbito educacional do DEF, projetos estes que foram aprovados pelo CNPq – Conselho Nacional Desenvolvimento Científico e tecnológico, órgãos públicos que incentivam o desenvolvimento da pesquisa no Brasil.

Com o intuito de preservarmos as identidades dos nossos entrevistados/as usamos pseudônimos de danças e artes marciais para descrição das falas, tais como: Reggaton, Ballet, Black, Street Dance e Samurai. Foram entrevistadas três moças, que ensinavam a arte da dança e entrevistamos dois rapazes, um ensinava dança e o outro, arte marcial.

Observamos as experiências e atividades motoras de aproximadamente 100 crianças, com idade entre 06 e 12 anos, participantes das diversas atividades físicas do Projeto da Escolinha do DEF matriculados nas aulas dos estagiários/as que contribuíram com as entrevistas aplicadas.

As crianças por semestre se desejasse podia trocar as aulas das respectivas modalidades esportivas, ou seja, uma criança matriculada no primeiro semestre na modalidade Natação podia escolher no segundo semestre fazer sua matrícula na modalidade em Dança e poder retornar as modalidades desportivas na qual iniciou sua participação na Escolinha do DEF de acordo com seu gosto, afinidade e aptidão pelo esporte ou pela dança.

Ressaltamos que somos capazes de refletir sobre o cotidiano em seus diversos espaços o que nos possibilita a compreensão dos estudos históricos e suas transformações, no que se refere, aos significados comportamentais da educação da corporeidade infantil sob a perspectiva de gênero. Tomamos por base epistemológica a Escola dos Annales, corrente historiográfica francesa, que nos possibilita fazer a história

com metodologias e abordagens inovadoras. Com essa corrente, práticas, mentalidades e costumes comuns se constituíram em objetos de investigações dos historiadores. Dessa forma, hoje nos distanciamos da história que tinham como base fundamental as decisões políticas e fatos e decisões dos grandes heróis de outrora dos historiadores ditos positivistas. Através dos mais variados vestígios das relações de sociabilidades humanas, temos a possibilidade de investigar a construção dos pensamentos e das práticas entre os sujeitos nos espaços educacionais, sociais, culturais e econômicos.

Todo esse processo de transformação de como se fazer história permitiu que o campo de estudo dos historiadores se alargasse na medida em que a Nova História postula que os fatos e acontecimentos não tem importância, pois, o que conta, é os critérios escolhidos pelo historiador, possibilitando assim a análise.

Barros, 2004, esclarece que:

“Com relação aos domínios da História, eles são de números indefinidos, uma vez que se referem aos “agentes históricos” que eventualmente são examinados (a mulher, o marginal, o jovem, o trabalhador, as massas anônimas), aos ‘ambientes sociais’ (rural, urbano, vida privada), aos ‘âmbitos de estudo’(arte, direito, religiosidade, sexualidade), e outras tantas possibilidades.” (BARROS, 2004 p. 180),

Nesta direção, vemos que a experiência vivida junto às relações sociabilidades entre discentes e estagiários/as presentes na Escolinha do DEF está dentro do que Barros propõe na medida em que essa historiografia adota uma infinidade de estudos que estejam relacionados ao âmbito do processo sociocultural presentes nas relações entre os sujeitos nos espaços e instituições responsáveis pela educação.

Assim, Barros, (2004, p. 61), demonstra que:

“Para além dos sujeitos e agências que produzem a cultura, estudam-se os meios através dos quais esta se produz e se transmite: as práticas e os processos. Por fim, a ‘matéria prima’ cultural propriamente dita (os *padrões* que estão por traz dos objetos culturais produzidos): as “visões de mundo”, os sistemas de valores, os sistemas normativos que constroem os indivíduos, os ‘modos de vida’ relacionados a estes grupos sociais, as ideias disseminadas através de correntes e movimentos de diversos tipos. (BARROS, 2004, p. 61).

Portanto neste trabalho de relato de experiência destacamos a importância do fenômeno estudado em seu contexto com a observação e interpretação dos dados descritos, juntamente com o aparato dos teóricos especializados na temática desenvolvida, enfatizando que os fatos aqui descritos revelam a historicidade cultural e

social da corporeidade infantil frente aos ditames de gênero estabelecidos em nossa sociedade.

3.0 - RELATANDO E REFLETINDO OS DADOS COLETADOS

3.1- Relatando e analisando as entrevistas com estagiários/as do DEF

Percebemos de início que existe mais mulheres do que homens que se propuseram a ensinar às crianças a arte da dança. Dentre os entrevistados há três moças que ministram aulas de dança e somente um rapaz que ensina dança às crianças na Escolinha do DEF. As turmas de dança possuem até trinta e dois matriculados, nos quais a maioria são meninas, pois em todas as turmas só haviam dois meninos matriculados que posteriormente abandonaram as atividades relacionadas a dança.

Reggaton, que ensina Hip Hop, afirma que:

Existe crítica de outros meninos quanto aos mesmos (alunos) por estarem dançando, que em minha opinião causou a saída dos que frequentavam. Havia vários meninos que ficavam na janela olhando e na porta com vontade de fazer aula, mas ficavam com vergonha e receio de críticas, mais ainda de vez enquanto entravam na sala e faziam aula.

Fica evidente que há um grande preconceito em relação aos meninos que se dedicam, gostam ou sentem o desejo de praticar as aulas de dança. A dança esta diretamente ligada a corporeidade, ela pode fazer com que os alunos/as adquiram uma boa experiência e conhecimento do seu corpo através dos movimentos, como também trabalhando a criatividade faz com que o discente se torne expressivo e participativo com o meio em que vive.

Porém, mesmo a dança sendo uma grande fonte de expressão corporal existe inúmeros descaminhos que apontam para exclusão de meninos, seja pela falta de conhecimentos, desinteresse e principalmente o preconceito enraizado na nossa sociedade. No Brasil a mídia contribui extremamente para que haja esse distanciamento dos meninos em relação a dança na medida em que os programas de televisão estão repletos de bailarinas, mulheres lindas, dançando, demonstrando graciosidade, leveza e beleza. Raramente vemos um rapaz exercendo a dança nestes programas de auditório. Assim a mídia, termina passando a ideia de que dançar é “coisa de mulher”, ou seja, muitos dos meninos crescem com o conceito de que dança não faz parte do seu mundo, pois, em nossa cultura acredita-se que o menino tem que ser forte, viril, guerreiro,

adjetivos geralmente ligados a área esportiva como futebol, artes marciais, o karatê, o que pode levar os meninos ao abandono ou ao desinteresse pela dança.

Nesta direção, a estagiária, Reggaton, declara que: “dois meninos chegaram a abandonar a dança, não falaram os motivos, não foi por briga, mas soube que estava no karatê e outro na natação. Penso que eles podem ter achado mais apropriado fazer outro esporte, pois, os colegas pegam muito no pé de um menino que faz dança”.

Embora a mídia não seja a única vilã capaz de determinar estereótipos ela ajuda a perpetuar padrões de feminilidade ou de masculinidade. Em muitos casos, prega o pensamento único, abrindo grandes barreiras a pluralidade em vista que prima pelo lucro não tendo interesse de transformar as condições econômicas e nem muito menos as questões relacionadas à dominação masculina presente na sociedade.

Em nossa sociedade é nítido a discriminação em relação aos meninos que se interessam pelo ballet. Mostrando-nos que mesmo com tantas transformações e lutas pela igualdade de gênero a discriminação ainda se prolifera nas nossas relações de sociabilidades.

Neste sentido, Marques (2005) discute sobre as dificuldades que se encontram presente nas aulas de dança, declarando que:

Um dos preconceitos mais fortes em relação a dança na sociedade brasileira ainda diz respeito ao gênero. Dançar em uma sociedade machista como a nossa ainda é coisa de mulher, efeminação, homossexualismo. Pesquisadores tem apontado que este preconceito se dá em vários níveis, mas está geralmente associado ao conceito de dança no imaginário social do mundo ocidental. Ou seja, mesmo nunca tendo assistido um espetáculo de balé clássico, muitas vezes a dança é diretamente associada a ele, e conseqüentemente a graça, delicadeza, leveza, meiguice que, no Brasil, são muitas vezes tidas como características absolutamente avessas á virilidade. (MARQUES, 2005, p.39).

A estagiária de dança Ballet afirma que, havia críticas das meninas em relação aos meninos quando os mesmos executavam ou erravam os passos e coreografias na dança, o que pode ter levado os garotos a abandonarem as aulas. Os estagiários\as mencionaram que quando estão ministrando as aulas de dança os meninos que ficam assistindo do lado de fora riem e cochicham apontando o dedo para os alunos que estão dançando, evidenciando que há algum tipo de resistência e preconceito quanto aos movimentos exercidos e as escolhas feitas pelas crianças do sexo masculino.

Reggaton declara que nos ensaios para as apresentações teatrais realizadas na quadra de esportes da Escolinha do DEF observou a aptidão de um menino para o exercício da dança.

“Um menino aprendeu rapidamente as coreografias, o chamei para participar das apresentações, o mesmo não aceitou em um momento em que meu grupo só havia meninas”.

Fica evidente que meninos possuem o desejo de entrar no mundo da dança, porém os mesmos não dispõem de incentivos por parte da família, sociedade ou instituições de ensino, pois, ainda estão fortemente marcados por ideais e estereótipos que levam ao preconceito dos professores/as e alunos/as que se expressam corporalmente através da dança.

Neste sentido, Marques (2005), ressalta que:

Atualmente o ensino de dança está repleto de ideais preconceituosos em relação a sua “natureza”. Pais de alunos e até mesmo os alunos consideram a dança “coisa de mulher”. Ainda permeia em nossa sociedade certo receio ou talvez medo, do trabalho com o corpo. (MARQUES, 2005, p.20).

É nítido que em nossa sociedade os meninos interessados em praticar a dança, principalmente o ballet encontram inúmeras dificuldades na família, os pais não aceitam o desejo do seu filho em participar ou se dedicarem profissionalmente a dança.

Street Dance, estagiário que ensina Hip Hop, revela que os meninos enfrentam críticas em relações aos movimentos corporais exercidos na dança, afirmando que: “Em alguns momentos os meninos mostram resistência, principalmente em relação aos familiares” e aponta um dos principais motivos de abandono dos alunos do seu grupo: “Ter interesse em outras modalidades como natação ou outro tipo de dança ou pelo interesse por outras modalidades esportivas”.

Street Dance, ainda revela que alguns meninos acabam se interessando por suas aulas por ver que ele representa uma figura masculina vendo no professor a possibilidade e aceitação de praticar a dança.

“Notei que os meninos ingressaram no meu grupo por se espelhar em mim, quando é uma mulher que ensina dança os meninos tendem a não participar. Eu fico feliz por tentar acabar com as visões que se tem a respeito do homem na dança.”

Devemos compreender que independente do sexo, as pessoas nascem com dons que devem ser respeitados e não reprimidos por tabus ultrapassados. A dança como arte

representa uma forma de expressão em que o bailarino além de adquirir flexibilidade precisa exercer a leveza do corpo com naturalidade para que possa brilhar em suas apresentações ou simplesmente por gostar de dançar o ritmo de dança que foi escolhido por ele. Dessa forma, o discente pode estabelecer novas formas de ver e estar no mundo, expressando novas condutas e valores através da “experiência física do corpo” interferindo no meio cultural e nas relações sociais, pois as marcas inscritas culturalmente no corpo diferenciam, e por isso, criam identidades.

Percebemos que, o corpo é influenciado por representações sociais de masculinidade e feminilidade dentre as pessoas em diferentes épocas e locais. Atualmente, existem novos valores no âmbito da dança, pois muitos homens são reconhecidos como artistas e viajam para se apresentarem como dançarinos sejam próximos de sua cidade ou no exterior, ajudando e colaborando para a quebra de paradigmas postulados na sociedade. Os/as estagiários/as demonstram que há pouco incentivo por parte dos familiares em relação a dança o que dificulta o trabalho e a evolução dos/as alunos/as que participam das aulas.

Nesta direção, Reggaton, afirma que a procura do pai ou da mãe em saber como os meninos/as estão se desenvolvendo no seu grupo de dança é:

“Muito fraca a frequência de trinta e quatro apenas um pai e uma mãe ou irmã procura se informar. Apenas uma mãe me falou que a dança estava sendo bom pra filha e que era uma maneira dela se sociabilizar e utilizar o corpo com algo produtivo”.

Percebemos que, há muitos desafios para que se eleve o atendimento das crianças no âmbito da Educação Física. Mudanças a nível cultural, posto que os valores a cerca da corporeidade infantil são permeados por pensamentos arcaicos e preconceituosos.

Para que a modificação ocorra no mundo do espaço da dança é preciso que se tomem medidas para que a procura pelo estudo e participação dos meninos na dança aumentem. No caso aqui, evidenciamos que, a Escolinha do DEF precisa passar por este processo de transformação para que meninos possam ter a oportunidade de ingressar na dança, sendo valorizados e respeitados em suas aptidões e decisões.

Se os meninos sofrem com o preconceito na dança em nossa sociedade, as meninas sempre tiveram que encarar a discriminação em relação à prática de determinados esportes.

No Brasil temos o futebol, sempre associado como “coisa de homem”, corajosos e fortes, pois o esporte exige grande preparação física, afastando a participação das meninas ou mulheres consideradas como sexo frágil. Porém sabemos que algumas mulheres conquistaram seu espaço, passando a jogar como profissionais em clubes e disputando em diversos campeonatos, enfrentando preconceitos da sociedade e dos jogadores do sexo masculino.

Temos como exemplo de força de vontade e talento para o futebol a jogadora Marta (10) da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, que comandou com garra e coragem a seleção em muitas vitórias, a exemplo da conquista do Pan-Americano de 2007.

Neste contexto, os esportes continuam sendo avaliados em termos de gênero, incluindo os que se tornaram Unisex e os que são vistos como masculinizantes para as mulheres. Nos esportes geralmente as mulheres atletas são discriminadas, seja pela delicadeza, fragilidade ou por serem vistas como masculinizadas, musculosas. De ambos os lados sofrem críticas em sua atuação em determinadas modalidades esportivas.

Desse modo, constatamos que estes padrões ainda marcam fortemente as relações corporais na infância em diversas esferas do âmbito social.

Neste sentido a estagiária de dança, Black, que ensina Street Dance, declara que:

“Observei que uma menina fica sempre na quadra (da escolinha do DEF), correndo atrás de uma bola, no entanto, não há incentivo para que as meninas participem do futebol. Eu mesmo gosto do esporte, mas nunca tive a oportunidade de entrar em algum time”.

O estagiário, Samurai, que ministra aula de karatê, demonstra que as meninas matriculadas em suas aulas sofrem resistência dos meninos que as ficam provocando.

“outras crianças ficavam perturbando as meninas com nomes depreciativos e também falavam que as meninas eram poucas e que não deveriam fazer parte do grupo das aulas de karatê. Durante todo o período que ensinei, os meninos eram firmes, não aceitaram as meninas”.

Em virtude dessa situação, torna-se interessante procurarmos entender o que fica em jogo quanto à participação das meninas em modalidades esportivas consideradas masculinas bem como a aptidão de meninos que procuram ingressar na dança. Identificando a dança e o esporte não só como um prazer a ser praticado, mas como uma forma de ganhar vida e participação cultural. Procurando defender a participação de meninos na dança e de meninas no futebol ou no karatê como um método significativo, direcionado para realizações de metas e prazeres, mesmo que haja uma transgressão de normas relativas a masculinidade ou feminilidade, ou seja, no sentido de delicadeza, leveza, posturas, agressividades, ações competitivas, etc.

Percebemos que atualmente, muitas mudanças ocorreram na educação, porém ainda as instituições são marcadas por características de exclusão social, visto a enorme diferença social. Como exemplos dessas diferenças, temos a classe dominante que recebe educação para se tornarem cidadãos, enquanto aqueles que possuem menor poder aquisitivo recebem uma educação para manter sua subordinação. Vivemos em uma sociedade que seleciona as pessoas em que “igualdade para todos” só se manifesta na teoria, pois, na prática, o que vemos é a segregação de muitos nas diversas modalidades educacionais.

Portanto, a dança como também os esportes são responsáveis pela formação do caráter e identidade da criança, bem com pela formação intelectual, na medida em que correspondem como uma alternativa nas práticas pedagógicas em que os aluno/a se orientam com o movimento do corpo, explorando sua capacidade de criação e autoestima e o desenvolvimento da aprendizagem. A dança e os esportes em geral, mais do que formar atletas ou bailarinos profissionais consiste em oferecer aos meninos/nas uma relação mais íntima e afetiva, expressando através do corpo aspecto de sua cultura.

A dança, os esportes, as artes marciais enquanto processo educacional não se resume simplesmente a aquisição de habilidades. Funciona como contribuição e aprimoramento das habilidades básicas, dos padrões fundamentais do movimento, como também o desenvolvimento das relações humanas com o mundo. É preciso que as instituições de ensino promovam espaços lúdicos relacionados às diferentes formas de atividades corporais infantis que sejam capazes de oferecerem aos discentes um importante instrumento pedagógico para o desenvolvimento corporal e mental.

Com o aprendizado da dança, dos esportes e das artes marciais, as crianças adquirem um desenvolvimento gradativo, o melhoramento do rendimento escolar, uma mudança positiva do comportamento, entre outros aspectos, pois a complexidade dessas atividades exercitam o corpo, a mente e a alma. Desse modo, o nosso trabalho é relevante ao discutir e analisar sobre as questões de gênero, corporeidade e educação no âmbito das atividades e espaços presentes na Escolinha do DEF, pois como constatamos na investigação, estão presentes atos excludentes e discriminatórios do que se entende por comportamentos femininos e masculinos.

3.2 – Relatando e refletindo sobre os comportamentos dos discentes do DEF

Observamos através das experiências que as relações de sociabilidades entre as crianças do DEF estão envolvidas por diversas relações de poder e de controle na medida em que verificamos que os sujeitos trazem em si características e pensamentos aparentemente naturalizados e direcionados a masculinidade e feminilidade, ou seja, podemos desvelar através dos comportamentos e habilidades dessas crianças que há intrinsecamente um controle do corpo, e que há uma separação entre feminino e masculino, através de características físicas, comportamentais e espaciais que foram engendradas historicamente em que se espera uma diferenciação dos sexos, no que tange aos gestos, atitudes e escolhas dos corpos infantis nas praticas de sociabilidades desse espaço educacional.

Durante as apresentações na quadra esportiva fiquei a observar os discentes e percebi que as meninas eram mais comportadas, mais caladas, mais tranquilas e atenciosas prestavam mais atenção nas apresentações. Os meninos por sua vez falavam alto, corriam de um lado para outro, beliscavam as meninas. Durante as apresentações dos grupos de dança os meninos riam, gritavam e acharam engraçado ver o único menino que dançava em meio as meninas. Acredito que o menino que dançava se sentiu incomodado. Porém, pude perceber que era apaixonado pela dança e que sentia grande prazer ao movimentar seu corpo e de se apresentar. Neste sentido, confirmamos as declarações que os estagiários vivenciaram e perceberam, ou seja, o preconceito dos meninos da Escolinha do DEF em relação a um menino que sente a necessidade de aprender e se dedicar a arte da dança.

Algumas meninas do grupo lançaram um olhar para ele, (o menino), eu senti que foi um olhar de apoio como se dissesse para ele não se incomodar, com as atitudes

preconceituosas dos meninos da plateia. Com o desenrolar das apresentações os meninos se aquietaram mais. Pude também perceber que alguns batiam os pés e movimentavam seus corpos sutilmente deixando se envolver pela música. O interessante foi que eles riam e tentaram ridicularizar o menino que se apresentava, quando o mesmo dançava, pagode suingueira, acredito que seja, por ser um ritmo em que exige que se faça um movimento dos quadris com rebolado, ou seja, os meninos não aceitam os movimentos exercidos nesta dança, pois, em nossa sociedade rebolar é coisa de menina, de mulher. Porém, quando o menino dançou forro, dança considerada típica de nossa cidade, os meninos se aquietaram, ficaram prestando atenção. O que pude perceber foi que eles acharam esta dança mais apropriada ou talvez admirassem o menino por ele esta dançando com uma menina.

Diante de tal realidade ressaltamos que Marques, 2005, esclarece que se devem promover meios de levar os alunos ao conhecimento e reflexão sobre a arte da dança.

[...] poderíamos introduzir em nossas salas de aula momentos de reflexão, pesquisa, comparação, desconstrução das danças de que gostamos ou não e, assim, podemos agir crítica e corporalmente em função da compreensão, desconstrução e transformação de nossa sociedade. (MARQUES, 2005, p.58).

Mesmo diante de tantos preconceitos, em que os corpos infantis são submetidos a padrões tradicionais, é nítido que esses corpos insistem em resistir e rebelar-se. Mesmo em menor número meninos ainda se interessam em matricular-se nas aulas de dança da Escolinha do DEF e as meninas também procuram frequentemente se matricular nas aulas de Karatê, mesmo não sendo aceitas pela maioria que são meninos.

Portanto, essas crianças nos mostram que temos a possibilidade de construir uma educação diferenciada, mesmo que em um primeiro momento haja um estranhamento, como o que esta ocorrendo entres os meninos e as meninas da Escolinha do DEF, pois, acreditamos que é possível fazer com que estagiários/as e discentes desenvolvam meios de transgredir e desafiar as normas estabelecidas, entendendo que suas ações e comportamentos frente as questões de masculinidade e feminilidades são construções sociais que foram sendo impostas ao longo da história das sociedades hegemonicamente patriarcais . Não temos duvidas que as forças de relações de poder que submetem o corpo infantil podem ser quebradas e ressignificadas, pois, meninas e meninos mesmo

sofrendo grandes opressões, promovem habilidades mais complexas, criam e reinventa atividades que promovem o bem estar da corporeidade de ambos os gêneros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos e compreendemos nesta experiência de trabalho acadêmico juntamente com os estudos teóricos e metodológicos que a construção histórica da corporeidade infantil nas relações sociais entre o ser feminino e masculino é estabelecida por padrões sociais transmitidos de geração em geração, reproduzidos no meio familiar, religioso, no trabalho, na escola, no lazer, enfim nas diversas e diferentes relações de sociabilidades.

Verificamos que existem diversos aspectos, históricos, psicológicos, culturais e sociais que influencia a construção das identidades de meninos e meninas no que diz respeito à corporeidade infantil sob a perspectiva das relações de gênero.

Na medida em que essas crianças se recusam ou tem receio de participar de determinadas atividades físicas presentes na Escolinha do DEF, percebemos nitidamente como estão presentes padrões culturais que foram estabelecidos ao longo do tempo histórico e como contribuem para a exclusão e inibição de meninos ou meninas de determinadas atividades físicas, artísticas e educacionais, como na dança, no futebol, no karatê, na natação, pois há uma construção cultural para o corpo feminino e masculino em meio a sociedade.

As crianças do DEF estão envolvidas em diversas modalidades que promovem interações entre elas com os/as estagiários/as, como também com outras crianças, através das atividades e relações de educação e afetividade desenvolvidas. Porém, as crianças por estarem em meio de uma série de jogo de relações de poder e dominação imposta no seu cotidiano, acabam por inferiorizar e reproduzir “modelos masculinos e femininos”. Mesmo diante de tal situação é nítido que meninos e meninas acabam adentrando os espaços, os territórios, causando lentamente a transformação.

As atividades desenvolvidas no DEF acabam reproduzindo a supremacia do masculino e a desvalorização do feminino ou efeito contrario, provocando desse modo ações sexistas em suas relações sociais como também vimos que as ações e comportamentos estão cercados por tabus que levam meninos e meninas a negarem o

direito do sexo oposto de praticar determinadas atividades físicas, ou seja, a dançar, a jogar futebol ou praticar karatê, dentre outras modalidades na medida em que algumas crianças abandonaram as modalidades esportivas ou artísticas.

Porém, acreditamos que com a força de vontade de meninos e meninas em participarem e se matricularem em modalidades esportivas ou artísticas, podem causar a transgressão dos referidos padrões que até então são aceitos pela sociedade, ou seja, práticas que geralmente são ridicularizadas e mal vistas, demonstrando que não devemos nos conformar com uma educação que se rende aos padrões tradicionais de gênero.

Devemos lutar contra costumes e práticas preconceituosas vistas como verdades absolutas, possibilitando um novo olhar aos ditames do mundo considerado masculino e feminino, compreendendo-o em sua complexidade, ou seja, entendendo as aptidões, os desejos, os comportamentos e manifestações, do ser infantil, em sua multiplicidade, livres do modelo único e singular de masculinidade e feminilidade presente em nossa sociedade.

Sendo assim, é importante, dar condições para que as crianças que gostam ou que desejem praticar tais atividades tenham suporte político social e incentivo dos familiares e das instituições responsáveis, na medida em que, o ser humano infantil é considerado um ser social e depende de que os poderes políticos e instituições escolares proporcionem uma vida digna e prazerosa nos diversos processos de aprendizagem e desenvolvimento intelectual da criança.

Diante de tudo que foi vivenciado enfatizamos que a conscientização das crianças e dos estagiários/as da Escolinha do DEF no âmbito das diferenciações presentes na sociedade faz se necessário, na medida em que todos nós somos influenciados por uma teia de formas de educação que priorizou uma visão do ser humano com características ditas como próprias do gênero masculino e feminino, provocando ações excludentes nas práticas educacionais e nas diversas esferas públicas da sociedade.

Portanto, acreditamos que a busca de uma educação que aborde assuntos sobre igualdade, com o intuito de promover formas de educação livres de preconceitos e estereótipos e que não privilegie um sexo em detrimento de outro é importante.

Assim será possível garantir o direito do corpo infantil de participar da complexidade das diversas vivências do cotidiano escolar e familiar, pois, tais comportamentos devem ser defendidos, priorizados, incentivados e respeitados seja na Escolinha do DEF como em todos os setores educacionais da sociedade.

Ressaltamos que as vivências aqui registradas geraram trabalhos acadêmicos apresentados no XXI Congresso Universitário da UEPB: “Ciência. Universidade e Desenvolvimento Social”, realizado no período de 3 a 6 de dezembro de 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARROS, José D'assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- Brasil, **ECA – Estatuto da Criança e do adolescente**. Lei nº 8,069, de 13 julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. In www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.
- BRASIL. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. In: portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.
- CONNELL, Robert w. Políticas da masculinidade. In: **Educação e realidade**. São Paulo: 1995 p. 183 a 206.
- ENGELS, Frederich. Prefácio. In: _____. **A Origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 1ed, 1884. Disponível em: <http://www.moreira.pro.br/testose37.htm> Consultado em 10 de agosto de 2014.
- FICO, Gilbert. **Preferência ou Preconceito?** S.d. Disponível em <http://WWW.picarelli.com.br/opiniaogilbert-fico260503.htm>. Acesso em Março 2013.
- FREIRE, João Batista. **De corpo e alma – o discurso da motricidade**. São Paulo: Summus, 1991. (3ª Edição)
- _____, João Batista. **Educação de corpo inteiro – teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (17ª edição)
- _____. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249
- _____. **A Microfísica do poder**. 23 ed. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2004b
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis, Vozes, 2010

MARQUES, Isabel Azevedo. **Dança e Educação**. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, vol. 16, n. 1-2, p. 5 – 22, jan. – dez. 1990.

MARQUES, Isabel Azevedo. **Dançando na escola**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARROU, Henri Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. Tradução de Mário Leônidas Casanova. São Paulo: E.P.U. 1975.

MEYER, Dagmar E.; SOARES, Rosângela de Fátima R (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

MORIN, Edgar. O duplo pensamento. In: _____. **O Método III: O Conhecimento do Conhecimento**. Lisboa: Europa – América, 1987. (p. 144-145).

KOHAN, Walter Omar. **Infância – Entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____.(1998): **Imagens da educação no corpo**. Campinas, SP, Autores Associados.

_____. (2003): “**Apresentação**”. In: Pro-Posições, vol. 14, n° 2, maio/agosto, Campinas, Unicamp, pp. 15-19.

SOUSA, Luana Neves de. **A pederastia em Atenas no período clássico: relendo as obras de Platão e Aristófanes**. Goiana, 2008.

SCOT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação e Realidade, v. 20, n° 2, Porto Alegre, 1995.

TEIXEREIRA, Evilázio. **Educação do Homem Segundo Platão** – São Paulo: Paulus, 1999.

TRIVINÕS, Augusto N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

Significados.com.br disponível em <http://www.significados.com.br/irmandade/> acesso em 30 de novembro de 2014.

ANEXOS

ANEXO 1- Termo de consentimento para fotografias, vídeos e gravações.

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES.

Eu _____ permito que o grupo de professores e aluno pesquisador obtenha fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins de pesquisa científico- educacional.

Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, palestras ou periódicos científicos. Porém, a minha pessoa **não deve ser identificada por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso**, podendo ser usado pseudônimo ou outra forma de identificação.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de professores e aluno pesquisador pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

Nome do sujeito da pesquisa: _____

Assinatura: _____

Nome dos pais ou responsável: _____

Assinatura: _____

A pesquisa tendo sido realizada com crianças (menor de 18 anos de idade), o consentimento foi obtido e assinado por um dos pais ou representante legal.

XXI CONGRESSO UNIVERSITÁRIO DA UEPB
Universidade, Ciência e Desenvolvimento Social.



**Apresentação de dança de alunos /as no Ginásio de Esportes Profº
Gonzaga da Escolinha do DEF.**





Alunos assistindo apresentação de Dança na Quadra de Esportes do DEF

